

■ DOSSIÊ - RESENHAS

■ Outras geografias para outras relationalidades

Other geographies for other relationalities

 José Eduardo Gama Noronha *

Resumo: O livro *Geografia das crianças, dos jovens e das famílias: temas, fronteiras e conexões*, lançado em 2021, apresenta reflexões teóricas e pesquisas no âmbito das geografias e dos diálogos destas com os Estudos da Infância. Dividida em 10 capítulos ao longo de 324 páginas, as autoras e autores apresentam diversas ferramentas teóricas, metodológicas e políticas e analisam a espacialidade de bebês, crianças, jovens e suas famílias, repensando os modos de ocupação do espaço-tempo dos sujeitos e sua construção e reconstrução de e a partir dos territórios em que vivem. Ao nosso ver, a obra se apresenta como importante e necessária contribuição para a consolidação da área em território brasileiro e para que possamos pensar e propor outras relationalidades entre sujeitos e territórios a partir de nossas realidades.

Palavras-chave: Estudos da infância. Geografia. Juventudes. Família.

Abstract: The book *Geography of children, young people and families: themes, borders and connections*, released in 2021, presents theoretical reflections and researches in the scope of Geographies and their dialogue with Childhood Studies. Divided into 10 chapters over 324 pages, the authors present various theoretical, methodological and political tools and analyze the spatiality of babies, children, young people and their families, rethinking the subjects' ways of occupying space-time and its construction and reconstruction of and from the territories in which they live. In our view, the work presents itself as an important and necessary contribution to the consolidation of the area in Brazilian territory, so that we can think and propose other relationships between subjects and territories based on our realities.

Keywords: Childhood studies. Geography. Youth. Family.

* José Eduardo Gama Noronha é psicólogo e mestrando em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, especialista em Infâncias e Juventudes pelo Conselho Latinoamericano de Ciências Sociais – CLACSO. Psicólogo no Colégio Técnico de Limeira e Educador no Instituto Camará Calunga. Integrante do Grupo de pesquisa INDDHU (Infâncias, Diferenças e Direitos Humanos). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5718-7000>. Contato: jozeduardo@gmail.com

A resenha trata da obra *Geografia das crianças, dos jovens e das famílias: temas, fronteiras e conexões* (2021), organizada por Maria Lidia Bueno Fernandes, Jader Janer Moreira Lopes e Gabriela Guarnieri Campos Tebet e publicada pela Editora UnB, é resultado da 6ª Conferência Internacional sobre Geografias das Crianças, da Juventude e das Famílias, realizada em 2019, e reúne dez textos que apresentam, por meio de reflexões teóricas e relatos de pesquisa, as diferentes abordagens que emergem do diálogo dos Estudos da infância com a Geografia (FERNANDES; LOPES; TEBET, 2021).

O livro conta com uma breve apresentação escrita pelas organizadoras e prefácio escrito por Anete Abramowicz, outra influente pesquisadora das infâncias brasileiras, em especial da educação infantil. É importante destacar que ambos os textos nos remetem a uma dimensão poética, política e plural da experiência geográfica dos sujeitos, que permeia os demais textos da coletânea.

Como eixo comum aos capítulos, temos a relação entre espaço-tempo e os sujeitos que o habitam, com seus deslocamentos, histórias e interpretações. Essa relação é constituída por elementos humanos (bebês, crianças, jovens e adultos) e não humanos (paisagens e objetos) que contribuem para a construção e reconstrução de territórios e das gerações.

No primeiro capítulo, as autoras apresentam um breve histórico da emergência dos Estudos da Infância (EI). Fundamentadas no conceito de campo, de Bourdieu, as autoras apontam que os EI emergem como um campo em disputa, proveniente de sua interdisciplinaridade.

Com grande poder de síntese, as autoras apresentam as tendências e temáticas de pesquisa na Europa, na América Latina e África. Revelam a forte relação entre os EI e a educação mesmo a partir do distanciamento que marca a emergência dos EI. Ainda, como no Sul Global, as pesquisas no geral são marcadas (ou realizadas) por autores europeus.

Quando discutem a América Latina, indicam que há similaridade temática entre os países da região, que partilham de seus passados coloniais. No entanto, enquanto as crianças em situação de rua são citadas nos outros países, não aparecem como problemática pertinente no Brasil. Vale destacar que essa temática foi predominante no país durante as décadas de 1980 e 1990, devido à grande quantidade de crianças em situação de rua à época, que se organizaram e contribuíram para a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente, sendo objeto de pesquisas de modo a compreender as novas instituições de assistência e educação, a partir da efetivação da lei. Arriscamos dizer que os EI no Brasil parecem ter subsumido as experiências infantis de crianças vulnerabilizadas em uma categoria genérica, 'periféricas', o que pode contribuir para certa invisibilidade destas crianças em diferentes contextos

Figura 1. Capa do livro.



Fonte: Loja on-line da editora UnB.

No segundo capítulo, os autores fazem uso de memórias e narrativas, recheadas de cheiros, gestos, brincadeiras e lugares de suas infâncias e de suas pesquisas como forma de indicar que a geografia da infância é também uma forma de compreender o espaço de forma fluida, local e que considera a experiência dos sujeitos e seus sentidos de forma relacional.

Desse modo, apresentam a geografia dos cuidados, subárea da geografia da infância que trata dos modos de cuidado que mudam conforme as gerações avançam, nos levando a repensar o desenvolvimento como algo universal. Para isso, a dimensão afetiva das memórias e das narrativas abarcam com maior sensibilidade os gestos das infâncias, quando estas ajudam na pesca, na construção das casas e no cuidado dos parentes, criando e recriando territorialidades.

No terceiro capítulo, as autoras se dedicam a olhar os bebês a partir dos conceitos de espaço, lugar e território. Trata-se de uma temática nova nos Estudos da(s) Infância(s) e com pouquíssimos estudos, revelando um esforço bem fundamentado e experimental das autoras para que consigam cartografar os bebês sem necessariamente subsumi-los nas relações com os adultos que cuidam deles.

A partir de intrigantes mapas em um berçário, contendo figuras e tracejados que marcam as errâncias dos bebês, as autoras defendem que bebês realizam inúmeros agenciamentos dos quais, se não os acompanharmos atentamente, não seríamos capazes de perceber e compreender.

Os bebês, deste modo, territorializam os espaços e sujeitos que vivem com eles. Sua singularidade está no fato de não constituírem para si uma identidade coletiva do tipo geracional, sendo pura imanência. Inspiradas nas cartografias de Deligny, as cartografias com bebês sinalizam para importantes desdobramentos e análises ainda ausentes nos EI e nas políticas públicas para estes.

No quarto capítulo, as autoras relatam pesquisas realizadas com educadores em Rio Grande (RS) e Palmas (TO), do grupo Recidade. A fotografia se apresenta como ferramenta comum para indicar como crianças interpretam os espaços que costumam ou não circular em suas cidades. Seja nos condomínios residenciais do programa *Minha Casa Minha Vida*, seja pelas ruas, as crianças, ao registrarem seus territórios, o retratam a partir de suas brincadeiras, das ausências dos adultos e da imaginação.

A insistência na circulação e registro fotográfico fundamenta a necessidade política da ocupação das cidades e da criação de um acontecer solidário entre a cidade e as crianças.

No quinto capítulo, somos apresentados ao conceito de cronotopo, e como este pode nos ajudar a compreender o modo pelo qual somos sujeitos e como resistir.

Com Bakhtin, os autores propõem o enfrentamento da despossessão de si e do próprio corpo por meio de um confronto alterário, ilustrado a partir de cenas em que as crianças e seus gestos deslocam adultos de suas posições de poder. Diante da realidade das periferias do Rio de Janeiro, local de algumas das cenas narradas, em que tanques de guerra vigiam e controlam a população, nos perguntamos até que ponto podem as geografias das infâncias contribuir para transformar também a realidade política desses territórios.

No sexto capítulo, os autores chilenos nos apresentam como a interpretação de desenhos produzidos por crianças, a partir de suas lembranças, se configura como importante meio de compreender as espacialidades infantis em momentos de tragédia e resistência, como a ditadura chilena e os desaparecimentos, prisões e mortes de militantes da esquerda chilena.

A apresentação dos 28 desenhos fogem das típicas análises (pseudo)psicologizantes que dominam esse campo, fazendo uso de um referencial topológico e histórico em que a casa, a polícia, os desaparecidos, a brincadeira, a família e a utopia são elementos que falam de um território conflituoso, incerto, desejoso, mas

antes de mais nada, compreendido e interpretado pelas próprias crianças, que, ao viverem os horrores da ditadura, cartografam politicamente suas implicações e se subjetivam politicamente nesse processo.

No sétimo capítulo, a subjetivação política aparece como tema central, também a partir de desenhos. A autora trabalha com as entrevistas-desenho com crianças e com relatos orais de mulheres Zapatistas. Em sua pesquisa, realizada com cinco comunidades zapatistas com sujeitos de diferentes gerações, são apresentadas as marcas históricas da colonialidade do poder e do ser e como, a partir da resistência zapatista, o povo de Chiapas vai se libertando das chagas da violência colonial, que marca os mais velhos na pele, mas não são esquecidas pelos mais novos em nome da história de resistência e luta do movimento zapatista.

As crianças revelam que, no presente, compreendem a dimensão política do zapatismo e o modo pelo qual querem contribuir para sua manutenção e alargamento, mas sem perder a ternura do brincar e do conviver com seus pares e ancestrais.

No oitavo capítulo, a autora nos apresenta uma síntese reflexiva dos principais conceitos da geografia e dos estudos da juventude para compreendermos e analisarmos a ocupação do território urbano por estes. É importante destacar que as análises apresentadas se relacionam fortemente com as conclusões realizadas pelas demais disciplinas que constituem os EI, ainda que a autora apresente um repertório de referências quase exclusivamente proveniente da geografia.

De especial interesse, o conceito de espaços opacos, de Milton Santos, pode nos revelar os modos pelos quais os jovens ocupam a cidade e as instituições (nas quais geralmente são controlados e não tem condições subjetivas ou materiais de se expressarem) pelas frestas, construindo territórios e relações de maneiras que os adultos nem imaginam.

Seriam nesses espaços opacos, muitas vezes relegados pelos Estudos da(s) Infância(s), que poderíamos avançar para a efetivação de pesquisas e políticas públicas pensadas com e a partir dos jovens.

No nono capítulo, o autor apresenta a cartografia, ou carto-gráficos, como método de interpretação das experiências juvenis, dando destaque para a importância das ciências humanas se apropriarem de metodologias visuais para que outras expressões dos jovens possam ser captadas e 'ouvidas' pelos pesquisadores. A cartografia ajudaria a revelar mensagens ocultas, comportamentos, e visualizar pensamentos e pontos de vista, já que os mapas não seriam objetos científicos e objetivos, mas construções sociais inseridas em um tempo, lugar e cultura específicos.

Defende a necessidade de uma virada cartográfica na geografia das juventudes, mas alerta que os mapas

por si só não revelariam nada, sendo necessário a atenção no processo criativo deste e que o caráter fluido do método pode recair em leituras exageradas por metáforas dos mapas, já que o mapa, ao mesmo tempo em que representa algo, contém algo desse objeto representado.

O cartógrafo, desse modo, agiria como mediador. O autor exemplifica com desenhos feitos por crianças no Norte e no Sul global, em que o próprio mundo/planeta é visto como algo a ser salvo ou como algo em vias de destruição, revelando como as crianças e jovens de diferentes territórios interpretam suas experiências de modos radicalmente opostos.

No último capítulo, o autor traz a temática do apagamento de identidades e da parentalidade masculina, a partir da figura de Aleksander Todorovic e sua luta pelo reconhecimento da cidadania eslovena.

O apagamento pelo Estado, desse modo, produz efeitos de desagregação e desmoronamento de identidades que não se restringem só aos sujeitos diretamente afetados, mas a suas famílias e ao futuro de seus filhos.

O autor retrata com extrema sensibilidade a trajetória de Aleksander, até o seu suicídio, e como ele sintetiza a necessidade de luta por um território não só geográfico, mas político e de direito. Ao viver em um Estado, mas destituído de qualquer direito, a vida daqueles que sofrem do apagamento (o autor inclui aí também os ciganos), fica relegada a dimensão da zoe, ou vida nua.

Dessa situação, o autor propõe uma outra leitura sobre a zoe, em que o sentido da parentalidade e do pertencimento territorial não precisa estar nas mãos do

Estado, mas dos sujeitos da política paterna, “menos programada, menos oficial, mais relacional, mais emocional e que vem de famílias que se levantam contra a biopolítica do Estado.” (p. 295).

Convocando a possibilidade dos sujeitos se desmoronarem sem deixarem de existir, como forma de se libertar do Estado, o texto nos remeteu às paternidades brasileiras, em que para não desmoronar, os homens tendem a sumir (não desmoronar e nem lutar), e o ciclo de violências, tanto estatal quanto masculina se perpetua, afetando principalmente mulheres e crianças. De que modo, portanto, poderíamos fazer uso das análises do autor para nosso contexto?

Por fim, para os que querem se aproximar e/ou mergulhar nas geografias das infâncias, das juventudes e das famílias, a obra é uma leitura imprescindível. As trajetórias das organizadoras e das autoras emprestam à obra não só robustez acadêmica, mas sensibilidade e abertura ao encontro com os territórios. Na esteira da renovação político-epistemológica que os Estudos da Infância vem passando pelo mundo, em especial pelo confronto de pesquisadores do Sul Global às interpretações norte-americanas e europeias das experiências infantis e juvenis, a obra capta aspectos da singularidade brasileira e latinoamericana, cria e reinterpreta conceitos à luz de nosso continente. Terminamos, portanto, com a poética de um dos autores brasileiros que soube transformar o espaço e a geografia em literatura e poesia:

Diante de uma casa em demolição, o menino observa:
- Olha, pai! Estão fazendo um terreno! (ROSA, 2009. p. 44) ■

Referências

FERNANDES, Maria Lidia; LOPES, Jader Janer; TEBET, Gabriela Guarnieri de C. (Org). **Geografia das crianças, dos jovens e das famílias: temas, fronteiras e conexões**. Brasília: EDU - UNB, 2021.

ROSA, Guimarães. **Tutaméia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2009.